

Homilia de São Francisco em Canindé
3 de outubro de 2024

Caríssimo Frei Rogério, ministro provincial da Província de Santo Antônio do Brasil, aqui no Nordeste brasileiro; caríssimo Frei Gilmar, reitor deste Santuário de São Francisco das Chagas do Canindé; caros confrades, religiosas e sacerdotes presentes; e quero saudar os queridos irmãos e irmãs, devotos e peregrinos de São Francisco das Chagas do Canindé.

A todos vocês, paz e bem!

Em agosto de 1224, Francisco deseja com toda a força subir a montanha do Alverne, onde se sentia em casa. Tem agora mais de quarenta anos e parece mais velho do que é. Está fraco e sofre de tantos distúrbios estomacais. Não é fácil para ele enfrentar a subida do penhasco. Mas está disposto a enfrentar até mesmo esse cansaço, porque algo o atrai.

Os seus companheiros tentam dissuadi-lo, mas não há nada que possam fazer. Francisco sobe, levando para aquela montanha muitas tensões que está vivendo e tantas feridas que o marcaram, sobretudo na sua relação com o Senhor e com os seus irmãos. Ele vive uma “grande tentação”!

Francisco nos diz hoje para não termos medo das nossas feridas. Elas fazem parte da nossa vida. Não só aquelas individuais, mas também as do nosso povo, do mundo e da Igreja.

Nesta festa de São Francisco, queremos assumir e não rejeitar as nossas feridas. Aqui o Senhor nos indica um caminho, dá-nos confiança e esperança, faz-nos amar a nossa condição humana.

O percurso parece mais longo, por causa do calor e do cansaço com que Francisco chega, como que sobrecarregado por tantos fardos, mas todos mantêm o ritmo, encorajando-se mutuamente. Eles sabem bem porque o seu irmão parece distante. Os companheiros enxergam bem. Para Francisco, desta vez, o caminho é verdadeiramente duro na subida. Ele carrega consigo o peso das oposições, da rejeição.

Na realidade, ele carrega dentro de si uma pergunta mais profunda: “Quem és tu, Senhor, e quem sou eu?”

É esta pergunta que lhe permite subir e enfrentar o cansaço.

Com este desejo, chega com os seus companheiros perto do alto da montanha, que ele já conhece.

Escolhe um lugar isolado para si próprio. E não permite que ninguém o alcance. Entra no bosque.

Francisco reza sem cessar. Abandona-se ao diálogo com Deus, no seu segredo mais profundo. A sua oração é impregnada mais de silêncio do que de palavras, mais de expectativa do que de uma posse pacífica. É também uma luta, entrelaçada de inquietação e de busca constante. Por isso, o silêncio que o envolve torna-se sempre mais profundo.

Neste clima, Francisco toma o livro dos Evangelhos e pede ao Senhor para lhe manifestar o que lhe agrada. Os dias passam e, em Francisco, a oração mistura cada vez mais alegria e dor, amor e compaixão pelos sofrimentos de Cristo.

Encontra várias passagens que lhe falam da Paixão e, quando estes sentimentos são mais profundos, por volta de catorze de setembro, a sua oração o leva a reconhecer de um jeito novo o rosto de Cristo e o seu coração, e a sentir em si a sua dor e o seu amor, juntos. Nesta altura, ele está dominado, tomado e ferido na sua carne, de uma forma que não se pode descrever. A paixão de Cristo deixa no seu corpo as marcas, porque o amor nunca passa em vão. Ele é marcado pela dor e pela alegria em conjunto. É a Páscoa de Cristo que se grava na sua vida e na sua carne.

Para mim, é uma grande honra e alegria celebrar a festa de São Francisco com todos vocês, irmãos e irmãs, neste santuário tão belo e tão amado pelo seu povo.

Deixei Assis para estar aqui, na Assis do nordeste brasileiro!

Parece-me que há uma forte ligação entre as Chagas de São Francisco e a alegria e o sofrimento do nosso povo aqui do Nordeste do Brasil.

Aqui a dor humana, especialmente entre os mais pobres e vulneráveis, pode ser reconhecida na figura de São Francisco. Podemos nos identificar com a luta do povo por uma libertação espiritual e material das nossas dificuldades. As feridas de Francisco nos recordam que as nossas feridas podem nos abrir para uma vida nova. É possível, porque o Senhor deseja isso para nós!

Penso agora em algumas feridas do povo desta região:

1. **A Seca e a desertificação**, que levam muitas famílias a migrar para as grandes cidades.
2. **O Desemprego e o trabalho informal**: muitas pessoas não têm acesso a um trabalho estável e a qualidade da vida diminui.
3. **A Desigualdade social e o acesso limitado aos serviços**: o que contribui para um ciclo de pobreza para as novas gerações.
4. **A Violência e a criminalidade**: a falta de oportunidades econômicas com frequência alimenta a violência e leva a se envolver nos tráficos ilegais.

Hoje trazemos a São Francisco, aqui no Canindé, estas feridas e tantas outras, para que ele as acolha e nos acompanhe no trabalho de que tudo isto possa fazer nascer uma vida nova.

Vir aqui como peregrinos não nos faz esquecer as nossas feridas, mas as faz olhar de uma forma diferente, nova. Acreditamos que seja possível? Já não temos a experiência de algumas novidades nos nossos desafios e esforços? A fé e a oração nos ajudam a vivê-las de modo diferente? Ajudam-nos a desejar paz e justiça, e a trabalhar em tudo isto?

O Senhor caminha com o seu povo e ama de modo especial e único os pequenos e humildes. Não tenham medo. Vocês estão no coração de Deus e de São Francisco quando vocês apresentam a eles as suas feridas, recordando a eles cada uma das nossas feridas, das feridas de vocês. No sangue das suas chagas brilha cada dor nossa, que aspira a ser salva e transformada em perfeita alegria.

A festa de São Francisco em Canindé neste centenário dos Estigmas abra as feridas do mundo, da Igreja, de cada um de nós ao Senhor e ao seu amor, que abre sempre novos caminhos.

Boa festa, paz e bem a todos!